



DUAS COISAS

I

Pairava sobre Portugal a águia negra de Castela...

Tudo acorrentava; e os corações oprimidos, os peitos ofegantes, respiravam numa atmosfera de ódio e rancor...

Já não parecia o antigo Portugal.

Muita coisa mudada; muita coisa desfeita...

Portugal tinha perdido o seu aspecto sereno e magnífico, seus filhos tinham perdido um nome glorioso...

A opressão aviltava, a vingança matava, e o ódio, os maus tratos e o desrespeito eram o flagelo com que martirisavam os verdadeiros crentes que amavam, os sinceros portugueses que respeitavam tradições, e os grandes homens que dedicavam á sua querida Pátria o melhor do seu amor, da sua energia e da sua força...

Fugiram as alegrias, morreram os cantos humildes da satisfação...

Roubaram tudo...

O presente era negro, carregado, duvidoso...

O futuro era a incerteza, o ponto de interrogação...

Mas um dia o brio reclamou coragem, a honra chamou meia dúzia de homens ao cumprimento de um dever alto e elevado, e sem tibiezas nem perturbações, esses homens quebraram o grilhão que tudo prendia, e rasgando o manto negro da dúvida, deixaram ver o futuro esperançoso iluminado pelo sol bendito do Portugal antigo.

Raiou a liberdade!...

Soberbo sol que iluminou as almas cheias de fé, levando as esperanças a todos os corações famintos!...

Fagueiro ródio que vivificou todos os corações desolados e tristes, levando alegrias a todas as almas ardentes!...

Liberdade! foste para Portugal a Felicidade, o Ressurgimento!

A história legaram esses homens uma página brilhante de coragem, de valor, e de força; ás tradições e á crença asseguraram os seus direitos; aos portugueses deram um exemplo nobre; a Portugal a santa Liberdade!...

Portuguêses, recordai sempre o valor desses homens.

Mulheres, recordai sempre o

exemplo nobre de Filipa de Vilhena.

Adoremos todos, pois, sem reservas, essa data gloriosa da Independência.

II

Falar da Guerra...

Falar dessa guerra cruenta e desumana que faz verter sangue inocente e que consome ouro em barda; falar dessa guerra terrível que tanta gente tem arrastado á miséria e á fome e tanto luto tem espalhado, é deveras penoso e difícil.

A guerra!... E' uma página negra, tinta de sangue, que ofusca o brilho da história universal...

E' a brutalidade e a selvageria neste século de adiantada civilização!...

E' a vingança, o ódio, o rancor neste século de tanta luz!...

E' a ruína, o aniquilamento, o incêndio, neste século ridendo de tanto progresso!...

Para onde foram a crença, o respeito, a bondade?!

Ah! o progresso caminhou demais, a civilização tomou incremento assustador; tanto subiram, tanto cresceram, que empanaram a luz da glória!...

Agora, só a sedenta vingança, o egoísmo feroz, a ambição desmarcada, podem mover os homens.

Conquistar, roubar, possuir, dominar, são as ambições tolas dum vaidoso marca K...

Defender, conservar, assegurar a paz e a liberdade, são os desejos das Nações trabalhadoras e pacatas.

Falar da guerra!... é triste!...

Porém, recordar os outros, os que lutam pelo bem e se sacrificam pela caridade, é consolador...

Enaltecer esses soldados, firmes á sua fé e leais á sua crença, que no campo da batalha socorrem os feridos e alentam os moribundos, é consolador...

Humanitários, trabalham só pelo seu bem, defendidos pela bandeira branca da cruz vermelha que tremula sempre, implorando aos homens que pelejam respeito e prudência, para que a vida daqueles que estão debaixo da sua protecção não corra perigo.

Bandeira branca, pendão da caridade, vales mais que mil trofeus

arrancados, embora com custo e com sacrifício, das mãos geladas e tintas de sangue dos soldados vencidos...

Pendão simples, sem condecorações, acompanhadas somente os feridos no campo triste da batalha...

Só pelo bem e pela caridade...

Abençoados todos os que hão prestado auxílio á cruz vermelha.

Recordar os que fazem bem, para esquecer os que fazem mal...

A. V.

A QUE DEVIDO?

Parece que aquela intensa propaganda que há uns tempos para cá se vinha fazendo em favor dos oprimidos, dos espoliados, daqueles enfim que trabalham e de quem as remunerações são fictícias, tende pouco e pouco a apagar-se das colunas dos jornais das classes que defendiam.

Parece que emudeceram os denodados defensores; parece que se extinguiu essa energia, essa seiva viva que agitava, que fazia estimular os nervos ao traçar linhas fogazes mas com justiça, quando pediam, quando reclamavam o bem estar da classe que defendiam.

Parece que as classes trabalhadoras nada mais temem que pedir, nada mais reclamam porque o seu silêncio, o seu comodismo é tanto como se nadassemos em mar de rosas, como se passeassemos em caminhos sem espinhos e abrolhos.

E no entanto ainda pouco, bem pouco de positivo em matéria de reivindicações temos alcançado apoz tanta luta, tantos esforços que se congregam para tornar mais forte essas reclamações e, quasi sempre... não somos ouvidos.

Mas eu sei! E' que a GUERRA que se está desenrolando na Europa e que muito em breve o nosso país irá compartilhar, veio abrir um longo parentesis em todo o movimento social português.

Apagam-se as vozes, emperram as penas ao traçar, nestes tempos que vão decorrendo sacudidos pelo sopro das batalhas vindo desses cam-

pos onde dia a dia tombam milhares e milhares de seres humanos, reclamações sociais, embora tenhamos imensa razão. E' que o espirito português está concentrado na próxima intervenção do nosso glorioso exército cooperando com os não menos gloriosos exércitos dos aliados, o qual trará mais uma vitória, mais uma coroa de louros com que ba-de engrinaldar a bandeira, esse simbolo da nossa Pátria.

Essa expedição, que muito em breve partirá, é constituída de milhares de homens que são roubados ao comércio, á industria e á agricultura; e mais tarde, sentir-se há essa falta de braços que já tão intensamente se vem notando só com a emigração, resultando daí uma enormíssima crise que pouco a pouco se vai sentindo já.

Deixemos abrandar toda a tormenta; e quando no horizonte surgir a luz límpida da bonança, retomemos com ardor a luta e novamente, então, reclamemos para complemento da aspiração caixeiral a regulamentação das horas de trabalho no comércio.

Mas entretanto vamos nos preparando para depois de vermos a força com que podemos dispôr entrarmos conscientes no caminho de exigirmos em nome dum direito a que todos reconhecem justiça.

Mas para isso é preciso solidarizar-mo-nos; é preciso chamar ao caminho da luta os indiferentes e então todos juntos, não havendo desunião, sendo somente um verdadeiro bloco de força viva, então sim, então terá surgido o dia de nos atenderem. E nesse dia a humanidade terá dado mais um passo para a civilização e progresso.

ZE.

APÊLO

A Junta Executiva da Federação das Associações de Classe dos Caixeiros Portugueses (Zona Norte), tendo o maior empenho em obter colocação para dois camaradas, que se encontram desempregados, roga aos membros da classe a sua coadjuvação para o fim indicado. Que a solidariedade dos caixeiros se revele na prática desta acção tão nobre e bela.

Ver adiante os respectivos anúncios.

DESPEDIDA

(a João M. Barreira)

Vão-se despedindo de mim todos os meus velhos amigos e colegas dignos da minha mais alta admiração.

Foi mais um galpe vibrado na minha alma a triste noticia de que o meu presado amigo João M. Barreira se ia ausentar de Guimarães para Lisboa por conveniências próprias.

E' João M. Barreira um alegre e elegante rapaz, dos seus 19 anos de idade, filho duma boa familia. Está portanto nessa idade cheia de desejos e de aspirações; e arrojando-se loucamente ás ondas da constante fadiga da vida comercial, foi procurar um meio onde mais largamente possa dispender a sua actividade e a sua intelligência.

Escusado era dizer que as relações do meu sincero amigo Barreira eram inúmeras, pois todas as pessoas que com ele tratassem desde logo nutriam por ele uma grande simpatia.

Muitas vezes acompanhei com João Barreira e sempre tive ocasião de apreciar as bellas qualidades de que é dotado, sendo leal e sincero para com os amigos e amavel para com todas as pessoas.

Fui tambem, por largo tempo, companheiro do meu velho amigo Barreira na instrução militar preparatória, o que tinha lugar aos domingos, dias em que nós gozavamos os melhores momentos da vida.

E' incontestável que João Barreira deixou eternas saudades a todos os seus colegas e amigos de Guimarães, sentindo imensamente a falta dum colega que tanto abrilhantava e honrava a classe vimaranense.

Apresentando, pois, aqui as minhas despedidas ao meu querido amigo Barreira, faço-o em meu nome e em nome dos fracos e dos oprimidos, que ele sempre defendeu e considerou.

XAVIER.

Crónica Lisbonense

Uma reunião de protesto

Quando o despotismo procura esmagar a razão e a justiça dos oprimidos, necessário se torna que da alma desses explorados saia um grito unânime e imediato de protesto e até, se preciso for, de revolta contra esses despotas que, encobertos pela bandeira dum regime que dizem ser democrático, se colocam à frente dalguns municípios do país, com o único intuito de ali zelar pelos seus gananciosos interesses, esquecendo e postergando assim direitos incontestáveis que por lei são reconhecidos a todos os assalariados que mourejam no comércio.

Mas se é certo que a classe dos caixeiros tem demonstrado, por vezes, uma certa indiferença perante atentados desta natureza às suas parcas regalias, também é certo que ela soube presentemente afirmar duma forma bela a sua solidariedade aos nossos colegas de Lamego, vítimas dum bárbaro atentado à lei do descanso semanal—já por nós bem conhecido—por parte da Câmara Municipal daquela localidade.

Quando este facto se dava em Lamego, —eis que em Lisboa, um outro não de menos importância para o destino da nossa classe, nos surge. A Associação dos Lojistas de Lisboa convoca uma assembleia geral extraordinária, expressamente para tratar da regulamentação das horas de trabalho. E, quando nós aguardávamos que dessa assembleia saíssem as mesmas resoluções que as tomadas numa idêntica em 1911, eis que ela nos aparece quasi que a proclamar a já célebre liberdade do comércio.

Mas o mais extraordinário de tudo isto, é o facto de nós termos durante mezes, anos mesmo, discutido e proclamado em publico por toda a parte a nossa justa pretensão, e só agora, depois da lei aprovada no parlamento, a Associação dos Lojistas de Lisboa, salu á estacada pretendendo fazer emendas a um projecto, pelo qual se encontram absolutamente de acôrdo todo o Caixaerato Português e sem dúvida a maior parte do patronato, visto que até hoje reclamação alguma appareceu digna de nota, sobre este assunto.

Sim: eles conservaram-se calados porque em face da nossa causa tão bela, justa e humana, eles não tiveram a audácia suficiente para erguer um único protesto; e agora, quando perdidos se veem, lançaram mão do único recurso que lhes restava, procurando levar o parlamento a reconhecer-lhes a já decantada Liberdade do Comércio, que uma vez posta em pratica seria a malha de salvação, por onde podiam continuar a satisfazer os seus instintos selvagens.

E, em face disto, a Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa, que se tem mantido sempre vigilante na defesa da classe, convocou immediatamente uma reunião magna da classe Lisbonense, para protestar contra a attitude da Câmara de Lamego, e apreciar as resoluções da Associação dos Lojistas de Lisboa.

Presidiu o colega Alfredo Moura, secretariado pelos colegas Amílcar Costa e Nogueira Lopes.

Usou em primeiro lugar da palavra o colega Alfredo Moura, que começa por dizer que é para erguer um enérgico protesto contra aqueles que inconscientemente pretendem por um clique a uma das mais grandiosas aspirações do caixaerato Português.

Ainda há dias um ministro da República afirmou neste mesmo lugar, que a regulamentação de horas de trabalho era uma medida justa, necessária e urgente para a emancipação intelectual dos caixeiros; e, agora, a Associação dos Lojistas de Lisboa vem procurar pôr emendas nesse projecto, que o mesmo é dizer, (se tal conseguissem) que ele ficaria eternamente encravado; e tarde, mesmo muito tarde, poderia ser um facto. E mesmo quando o fosse, seria duma forma tal, que ficaríamos sempre burlados.

Referindo-se ao caso de Lamego, afirma que o regulamento elaborado por aquela Câmara se não pode manter, visto que o governo acaba de declarar que lhe não dará a sua aprovação.

Usam depois da palavra, sobre os mesmos assuntos, os colegas Eduardo Faria, Gábio Marques, Amílcar Costa, António Leão, Rodrigues Carvalho, José de Almeida, Artur Baptista Bastos, sendo por fim apresentada a seguinte moção e protesto respectivamente apresentados por Amílcar Costa e António Leão:

MOÇÃO

Os caixeiros de Lisboa reunidos nas suas Associações de Classe, para apreciar as resoluções tomadas na última assembleia da Associação dos Lojistas de Lisboa, resoluções que visam a envolver os seus esforços junto dos poderes legislativos para modificação do projecto Ladeira-Pimenta de Aguiar;

Considerando que foi debatidíssima perante a opinião pública a nossa pretensão o que deu azo a que todas as entidades interessadas se podessem pronunciar;

Considerando que uma das resoluções da Associação dos Lojistas foi a nomeação duma Comissão mixta composta de delegados das Associações patronais e da Associação dos Caixeiros de Lisboa, para obtenção dumas emendas no referido projecto.

Considerando que numa propaganda larguissima, por todo o país, a classe dos caixeiros portugueses mostrou a sua identificação absoluta com o projecto aprovado na Câmara dos deputados;

Considerando que qualquer emenda é considerada inoportuna e nesta altura seria o suficiente para um retardamento sensível para que o projecto em debate receba sanção do senado Português;

Considerando ainda que representaria uma incoerência o nosso concurso a trabalhos de emendas a uma obra com que estamos de comum acôrdo;

Resolvem:

Declarar que continuam absolutamente solidarizados com o projecto Ladeira-Pimenta de Aguiar; e que por principio algum cooperarão nos trabalhos que a Associação dos Lojistas pretende levar junto do parlamento.

PROTESTO

Os caixeiros de Lisboa, reunidos em sessão magna na sua associação de classe, protestam energicamente contra a attitude do senado de Lamego, que procura cercar o descanso semanal aos nossos colegas marçanos.

Esta moção e este protesto foram aprovados por unanimidade.

Lisboa, Novembro, 1914.

JÚLIO MARTINS.

CARTA DO PORTO

Mesa da Assembleia Geral

José Ferreira Alves—Presidente; Adolfo José Rodrigues—Vice-presidente; Alfredo de Araujo Costa e Cunha—1.º Secretário; João da Costa Magalhães Junior—Vice-1.º Secretário; Bento Peixoto Ribeiro—2.º Secretário; Luiz Pereira Guedes—Vice-2.º Secretário.

A lista officiosa foi confeccionada com o máximo critério e imparcialidade, escolhendo-se os membros da mais reconhecida competência e que seguissem a orientação tomada pelas duas ultimas direcções que foi a preconizada e aprovada no ultimo congresso da classe.

A opposição, porém, não foi uma opposição franca e sincera, motivada por um espirito progressivo e porque reconhecesse nos seus candidatos mais competência para a gerência da Associação, mas sim uma opposição acintosa e despeitada, contrapondo-se á orientação independente seguida até hoje, constituída por espiritos retrógrados que desejam introduzir na Associação os antigos processos de reinvindicacão—andar de porta em porta com o chapéu na mão, pedindo aos patrões por as alminhas que nos concedam as nossas regalias—e os vícios perniciosos, desmoralizadores e arruinantes de que a Associação estava varrida.

E, a prova da má fé com que procederam está no facto de pôem como presidente da Associação um patrão! Haverá por ventura maior contracenço? Pois sendo os patrões os nossos antagonistas, os nossos maiores inimigos, ha caixeiros que vão depor nas suas mãos a defesa dos nossos interesses? Houve até um imbecil que deu um viva á lista dos patrões! Isto é simplesmente triste! Venceu a lista da opposição por três votos!

Mas venceu porquê? Porque a educação social da nossa classe está ainda muito atrasada e nós procedendo com toda a sinceridade e desejando o progresso e a emancipação da classe, apenas lhe apontamos a situação e apelamos para a sua consciencia, ao passo que os nossos adversarios da opposição impunham aos seus amigos a sua lista (e consta que tiveram até o desplante de comprar votos), sem lhe explicarem que nela figuravam patrões, os quais não conhecendo os candidatos, se deixaram arrastar indo votar inconscientemente.

Não nos admira, contudo, o procedimento da opposição atentando no fim que ela visava; o que nos admira, o que nos confrica a alma de amantes sinceros do Progresso é da classe e o que nos revolta é que houvesse algum que, fazendo parte da Junta Executiva da Federação, que foi ao ultimo congresso da classe e acatou as resoluções ali tomadas, de harmonia com as quais as duas ultimas se têm orientado, rebaixasse o seu caracter ao ponto de colaborar na obra infame da opposição que enxada a dignidade da classe e envergonha e deprime a Associação, onde todos deviam ser unidos como irmãos, na defesa dos interesses colectivos! E mais ainda: que esse alguém tivesse o descaramento de assistir a algumas reuniões convocadas pelo Conselho Director para confecção da lista, com o unico propósito de espiar.

No decorrer da eleição, o colega Alberto Osório, reconhecendo que um dos candidatos da lista da opposição, o 1.º Secretário da Assembleia Geral, não estava no gozo dos seus direitos de socio, e que, portanto, não podia eleger nem ser eleito, redigiu um protesto que foi coberto por grande numero de assinaturas, contra a eleição desse candidato.

Conhecido o resultado da eleição,

o colega Osório procede á leitura do protesto entregando-o em seguida ao presidente da mesa. Após a entrega pede e faz uso da palavra o colega Bandeira de Melo que, por despeito ou falta de conhecimentos, de mãos nos bolsos e com uma pro-ápia e uns ares de mandão á laia de policia pedante, ataca o protesto alcunhando-o de ilegal e de sugerido por um espirito de contrariedade á lista vencedora e manifesta o desejo de que fique lavrado o seu contra-protesto. Ouvindo o seu discurso pedem e fazem uso da palavra os colegas Correia Pessoa, Alberto Osório e Fernandes da Silva que, em breves palavras, destroem as suas afirmações infundadas, provam-lhe a legalidade do protesto e lhe mostram a invalidade das suas palavras que ele engole sem... mastigar.

O aprovado o protesto e regeitado o contra-protesto encerrando-se em seguida a sessão.

O colega Correia Pessoa, do estrado da presidencia diz que embora esteja encerrada a sessão, nós estamos em nossa casa e podemos dizer o que sentimos e, fazendo uso da palavra, faz varias considerações entre as quais diz: venceu a opposição; essa victória, porém, foi uma derrota pois que moralmente a victória é nossa porque temos do nosso lado a Razão e o Progresso.

Segue o Fernandes da Silva que, com os olhos marejados de lágrimas, que provam o acendrado amor que dedica á classe, diz: fui um dos membros que foram ao ultimo congresso da classe onde, com a maior satisfação, vi aprovar uma orientação mais bela, mais independente e mais eficaz, do que a seguida até aí, e é com profunda máguia no coração que hoje vejo esfarrapada a obra realisada.

Estes dois oradores conjuntamente com Alberto Osório, os quais sem distincção tem dedicado todos os seus esforços, e quantas vezes com grandes sacrificios, á causa do caixaerato, defrontando com altivez e sangue frio todos os revezes e todos os obstáculos, não desanimando nas horas mais amargas da luta e dando á Associação um caracter de vida e de independencia, foram freneticamente aclamados por todos os colegas sciencistas. Ao mesmo tempo que se fazia essa manifestação de sympathia, alguns oposicionistas imbecis e sem educação, sentindo as picadelas da aguilhada da Justiça e do Direito, fizeram uma contra-manifestação com os tacões das botas. Este procedimento incorrecto, próprio só de homens sem dignidade, irritou alguns géios mais exaltados do que resultou uma pequena escaramuça que foi autocada rapidamente.

1-12-914.

ABILIO MARTINS.

CARTA DA LOUZÁ

No dia 8, domingo, festejou o seu primeiro aniversário o Grupo Musical União Operária Lusitana, percorrendo a Tuna as ruas da vila, fazendo ouvir os sons melódicos dos seus instrumentos. A noite houve, á porta da colectividade, um concerto, em que mostraram a boa vontade que os animou, tendo a coroar-lhes o seu trabalho as salvas de palmas que o público lhes dispensou durante o concerto.

Que continuem na sua árdua tarefa de engrandecimento da mesma, são os meus sinceros votos.

Também para comemorar o 6.º aniversário da sua fundação, realisou no passado domingo, 15, a sua festa, a prestimosa Associação Musical «Os Modestos».

Secção Literária

AMOR PERFEITO

A' Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Emilia de Lemos.

Mal uma dôr o rosto me anuvia,
O seu olhar me envolve em tal conforto,
Como o olhar suave de Maria,
Quando fitava o Cristo semi-môrto.

E quando me contempla assim tremente,
Anciosa, diligente e condôida,
Não sei que minha alma absorta sente,
Parece que me anima uma outra vida.

Então a crença, a indefinida essência,
Quási dissipa a densa treva escura
Que transformou a branca transparência
Das minhas ilusões! Fugaz ventura!

Que sempre o teu divino olhar me afague,
Fulgida estrela, meu sonhado bem!
E nunca o teu piedoso olhar se apague,
Oh minha boa, oh minha santa Mãe!

Tapada de Ajuda, 1914.

João F. S. Lemos.

Fardio arrependimento

(A M. F. de Oliveira e Castro).

Noite fria e chuvosa de rigoroso inverno. De repente o Céu fize-se negro e o vento sibilava rijamente, infundindo receio. A tempestade bramava com ingente fragor, encapelando as ondas na extensão do oceano. Nos ares fuzilavam relâmpagos que ofuscavam, e a densa cerração do Mar incutia medo e respeito. A tormenta rugia cada vez mais terrível e assustadora.

Que noite, santo Deus!

Lá ao longe, muito ao longe, no meio do alto Mar revoltado, lobrigava-se alumado por um bruxuleante farol um frágil e pequeno barco que, açoutado pela medonha procela, semelhante a uma casca de noz, se debatia no meio das agitadas vagas, prestes a submergir-se no seio profundo da voragem imensa.

Neste barco vinha um homem que, acompanhado dum seu filho, rapaz duns dez anos, recolhia da pesca, rude labor a que se entregava com todo o afã para garantir a subsistência da numerosa família.

—Senhor! Senhor! tende piedade de nós! implorava o filho de mãos postas. E sabendo que o pai era um descrente, e, portanto, um encarniçado inimigo da religião, pedia-lhe a chorar:

—Meu pai, pense bem no perigo que nos ameaça e na morte horrível que se nos depara. Lembre-se que, se morrer, deixa enlutada a nossa mãe e na maior desgraça e miséria a mim e a meus irmãos. E' a voz de Deus que nos fala no ribombar do trovão e do fusilar dos relâmpagos. A perspectiva da sua morte horrível-me mais do que a violência da tempestade que rugia ameaçadora em volta de nós. Por isso, rogo-lhe que se arrependa porque... quem sabe meu pai, se Deus lhe concede estes momentos de vida para que, recorrendo a Ele, se converta. Ele é quem nos domina e rege, quem nos alimenta a alma com os doces influxos da sua graça e quem nos protege por um acto misericordioso da sua omnipotência infinita e nunca despreza os rogos da humanidade sofredora. Ajoelhe-se, portanto, exor-lhe o arrependimento e suplique-lhe o perdão.

Só se fôr ao diabo que me encomendarei, rapaz, disse-lhe o renegado pai, repellido-lhe as frases. Lá vens tu com essa maldita beatice que tua mãe te ensinou. Enquanto aquela creança resoluta e firme na crença que sua mãe inoculára no coração com o leite da infância, rezava resignada, o pai continuava a blasfemar, cuspido afrontas sem fim contra Deus e a sua doutrina numas risadas alvares, próprias dum dementado.

Como um anjo de niveas azas que descêra do Céu á terra para

do Interior sôbre os casos de Pombal e Viana, conforme lhe fôra recomendado. Inteirada.

—Da Empresa do jornal *O Despertar*, aquando ao rôgo, que se lhe fizera, para inserir no seu periódico o relatório das sessões deste corpo federativo. Agradeceu-se.

—Do Governador Civil de Viana do Castelo, afirmando estar disposto a fazer cumprir no seu distrito o decreto do desajugo semanal. Deliberou-se comunicar-lhe o agrado da Junta pela sua promessa.

(Continua).

salvar uma vida, o filho com os olhos marejados de pranto não cessava de pedir-lhe que se convertesse, mas êle não fazia caso continuando a vociferar satânicas imprecações num lancinante estado de desespero e de cólera.

E a tempestade cada vez era mais violenta e furiosa.

O Mar revoltado, alteroso e turbulento, roncava medonhamente, pavorosamente, e o barco debatia-se, á mercê das ondas. As velas enfunavam-se retesadas com um violento furacão, os mastros rangeram e o leme partiu-se.

Foi um horror! Gritos afflictivos saíam dos lábios daqueles infelizes náufragos, gritos que causavam pavor, que metiam dó. Então o obsecado ímpio conhecendo que todos os esforços humanos lhe tinham sido baldados e vendo que uma morte certa o esperava, ajoelhou-se, mas bem depressa a sua voz cessou de ouvir-se.

Já era tarde. Subitamente, ouviu-se um ruído formidável; o barco arremessado impetuosamente contra um cachopo desconjuntou-se em pedaços, e aquele infeliz submergiu-se para sempre no profundo abismo, enquanto que o filho, demandando forças e coragem, salvou-se a nado.

Guimarães—Fevereiro de 1913.

Leão Martins.

ELEGIA DO OUTONO

(Última despedida a D. V. C.)

A natureza perdeu os aspectos brilhantes e carregados, perdeu o perfume, o esplendor, a saúde e a alegria...

Morreram as últimas flores; as folhas caem estioladas, e o vento cantando a alegria das desilusões, passa, e a tudo imprime uma nota triste e melancólica, arrastando, desfazendo, precipitando...

A natureza, agora, despida, sem os cantos dos pássaros, sem a alegria da vegetação, sem a festa dos campos, sem a garridice fresca das pompas verde e ouro, mostra com desgosto a sua miséria, a sua pobreza, e chorando, indica manifestamente que todas as alegrias, todas as satisfações, o amor, a felicidade, a riqueza, têm como ela o mesmo destino... Muitas vezes, voam felicidades, morrem amores, emudecem alegrias, fogem satisfações, riquezas e galas...

O outono da vida...

Ah! a natureza é quadro fiel onde se colhem efeitos, onde se colhem exemplos... E' bem a imagem da vida, o segredo, o ideal...

Grande alma palpita em seu imenso seio—Deus.

E agora que sobre ela caiu o manto negro da tristeza, só as que sofrem a compreendem.

E', assim triste, a saudade, a esperança...

Saudade e esperança,—consolo dos tristes, anelo dos desgraçados...

Tudo chora...

Os longes cinzentos de linhas apagadas e de curvas incertas, murmuram preces...

A música amortecida das águas, dos montes e desertos, lembra o gemer afflictivo de quem sofre...

Os casais pobres, manchas brancas que de longe em longe aparecem, êsses falam de trabalho, de vigílias, de cancelas, de dôres...

A música dos sinos fala de orações, e o céu carregado de crepes negros, de crenças...

As árvores sem folhas, sem fructos e sem ninhos, os campos despidos, os outeiros sem cor, os poentes sem harmonia, os montes sem fragância, desabafam, choram, e a sua linguagem acordanos e faz-nos recordar coisas tristes, desgostos passados, transees dolorosos da vida...

Faz-nos recordar o passado e pensar no futuro...

Escurece a nossa alma, rouba a nossa alegria, e a tristeza invade, a incerteza mata...

Ouvir as doridas preces da natureza nestes dias inclementes de chuva e nevoeiro, é transmitir á alma a poesia sentida das coisas mortas, o choro abafado das coisas que se vão finando...

Como que levadas pelo vento, as minhas esperanças voaram como leves pétalas de mimosas flores, e desiludido eu choro como tu, natureza...

Tu perdeste a graça, o esplendor, a harmonia; eu perdi as visões brilhantes que adornavam meus sonhos ledos, as imagens caridosas do amor, da beleza e da bondade...

Ai! foste tu amor que povoaste o meu pensamento de felicidades ruidosas, de aparições fantásticas de imagens de luz; foste tu que me apontaste o futuro que eu divisei muito longe, quasi invisível, e que recamado de tentações caminhava para o esbatido leve da sombra dos segredos...

Levantaste na minha alma a imagem pura da crença, e fizeste crescer a minha paixão quasi amoretada...

Julguei-te a felicidade...

Puro engano.

Andei embalado no berço da esperança e sonhei muito...

Mas um dia acordei...

Rapidamente, o pensamento extorceu-se, a paixão ressentiu-se, a esperança fugiu, a crença estremeceu, o amor, oh! o amor desapareceu, e então rolei do ninho fôfo do ideal ao duro da realidade...

Sonhei... Recordei... Vivi...

A. V.

Todo o bom caixeiro, que se prese de o ser, deve ser sócio da sua Associação e assinar os jornais da classe.

CAIXEIRO

Oferece-se com muita prática de sola e cabedais, para armazem ou casa de retalho. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomás, 325—Pôrto.

CAIXEIRO

Oferece-se com bastante prática de mercearia. Edade 19 anos. Carta á Junta Executiva da Federação dos Caixeiros (Zona Norte). Rua Fernandes Tomás, 325—Pôrto.

João M. Barrreira

Para Lisboa, onde vai fixar residência, partiu este nosso presado colega e amigo, a quem desejamos todas as felicidades.

FEDERAÇÃO DOS CAIXEIROS PORTUGUEZES

Junta Executiva da Zona Norte

(Continuação)

Sob a presidência do camarada Alberto Paulo Osório e com a comparencia dos membros César Rodrigues, Salvador Braga, Manuel Alberto da Costa, Candido de Oliveira, Teixeira Basto e Innocencio Silva, reuniu esta Junta no dia 9 de Julho. Lida e aprovada a acta da última sessão, tomou-se conhecimento do expediente, que constava dos seguintes officios:

—Da Associação Flaviense dos Empregados de Comércio, solicitando a sua admissão no Grémio Federal. Admitida.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Vila Nova de Famalicão, enviando a quantia de escudos 3336,5, importância do seu débito á Caixa Federal, até 31 de dezembro de 1913. Acusou-se a recepção.

—Do Ateneu Commercial de Coimbra, comunicando a sua resolução de promover um comício público a favor da regulamentação do trabalho no comércio. A Junta manifestou-lhe a sua absoluta concordancia com esse propósito, louvando-o pelos serviços que vem prestando á classe.

—Da Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Guimarães, participando ter cumprido as determinações da Junta sobre as questões que interessavam aos caixeiros de Viana do Castelo e Pombal, e rogando esclarecimentos acerca do seu ingresso na Federação. Acendeu-se ao pedido feito.

—Da Associação dos Empregados de Comércio de Monsão, noticiando ter telegrafado ao Ministro

Logo ao despoitar da manhã fomos acordados pelo ribombar dos morteiros, e pelos acordes da Tuna que, percorrendo a vila em todas as direcções, lhe dava um tom alegre.

Tambem para comemorar a dita fundação se rializou á noite no teatro da vila um sarau literário-musical, fazendo uma conferência o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ferreira sobre a conveniência da Associação, pondo em destaque as grandes vantagens que delas advêm.

Em seguida, a Tuna, sob a regência do Sr. Francisco Ferreira, executou alguns números do seu escolhido repertorio. Subiu depois á scena a engraçada comédia «Os dois Teimosos», interpretada por F. Ferreira e M. Mariano.

Monólogos e canções se seguiram, especializando os seguintes:

«Vem pálida», por A. Rego; «A Breca», por F. Ferreira; «De Volta», por J. Silva; «Estudante Alaciano», por M. Mariano. «Os amores e os ventos», por A. Fernandes; «Na Guerras», por F. Ferreira; «O Cigarinho», pelo menino A. Carrança; «Zé de Fanchões», por A. Grilo.

Mimoseou-nos o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Ferreira com umas variações de fados em guitarra, acompanhadas a viola por A. Rego.

Por um grupo de crianças foi tambem á scena a engraçada comédia «Uma revolta em familia».

A casa estava repleta, e todos os numeros foram calorosamente ovacionados.

Foi ponto o Sr. José Coelho.

A Direcção do sarau, a cargo do Ex.^{mo} Sr. Major Artur Gaspar Madeira, foi soberba.

E assim terminou, cheia de encantos, esta festa, que será a inspiradora doutras que se rializem.

18—11—14.

Mário Rodrigo Mariano.

Os jornais da classe são as sentinelas vigilantes do bem-estar dos empregados de comércio. Todos, porisso, devem prestar-lhes o seu auxilio.

MERCEARIA CASTRO

DE
FRANCISCO DE CASTRO GUIMARÃES
RUA DE PAIO GALVÃO
(EM FRENTE AO MERCADO)
GUIMARÃES

Neste estabelecimento encontra-se sempre um sortido completo em generos alimenticios de 1.ª qualidade.

Especialidade em azeite de Mirandela.
Finissimo bacalhau Inglês e Noruega.
Variado sortido em chocolates, cacau e conservas de Espinho.
Vinhos finos, champanhe, cognac, licores, etc.

BARBEARIA MILANEZA

—DE—
MANUEL CALISTO
RUA DA REPUBLICA

Esta barbearia, que prima pela limpeza e azeio, recomenda-se á elite vimaranense.



CASA PENHORISTA VIMARANENSE

FUNDADA EM 1880
Propriedade de PEIXOTO & ROCHA
LEGALMENTE HABILITADOS

Operações sobre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de credito.

RUA DA REPUBLICA, 144—GUIMARÃES

ARMAZEM DE MERCEARIA

DE
OVIDIO VARELA DE ABREU ALMEIDA
14—RUA DE CAMÕES—18
GUIMARÃES

Completo sortido em generos alimenticios de primeira qualidade e preços sem competencia.

Chá, café, assucar, arroz, bacalhau, massas, bolachas, manteiga, queijo, etc., etc. Vinhos e azeites de 1.ª qualidade.
Deposito de enxofre e sulfato de cobre.
Carvão de coke, cada 15 kilos 230 réis.

Confeitaria Parisiense

DE
DOMINGOS VINAGREIRO & F.ºs

* * GUIMARÃES * *

Generos de mercearia
de primeira qualidade

Grande e variado
sortido em pasteis

Variedade em doces

Especialidade em doce de ovos

Grande sortido de Bolachas
Inglezas e Nacionais
das principais fábricas

Five o'clock tea

LUNCH'S

Variados Sorvetes

SANDWICHES

BOMBONS DE VIENA

Rebuçados austriacos

Vinhos de mesa
finos e espumosos

Champanhes, Cognacs e Licores

Conservas Nacionais e estrangeiras

Massas e farinhas alimenticias

Chá, Café, Chocolates e Cacao

EXECUTAM-SE ENCOMENDAS PARA CASAMENTOS, BATISADOS E SOIRÉES



QUEREIS VESTIR BEM?

Visitai a Alfaiataria Progresso da Moda de
Gaspar Lopes Ribeiro—R. da Republica

(Antiga Rua da Rainha)
AONDE ESTEVE A CASA HIGH LIFE

Esta acreditadissima casa confecciona pelos ultimos figurinos toda a classe de obra para homens, senhoras e crianças, garantindo-se a elegancia do corte moderno e o seu perfeito acabamento.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

JOAQUIM DE S. BOAVENTURA MENDES GUIMARÃES

1, RUA DE S. DAMAZO, 3

GUIMARÃES

Nesta casa encontra-se sempre completo sortido em cabedais nacionais e estrangeiros.

Deposito de malas e exportação de calçado.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

"O DESPERTAR,"

Quinzenario defensor dos interesses
dos Empregados de comercio e
industria, literario e noticioso.

PRAÇA D. AFONSO HENRIQUES, 27

GUIMARÃES

Preço da assinatura

Portugal e Africa—ano, E 0,60 (600 réis)
Colouins — " E 1,5 (15000)
Estrangeiro — " E 1,536 (15300)

A cobrança pelo correio aumenta 8 centavos (80 réis) a cada recibo.
O preço dos anuncios é convencional,

"O DESPERTAR,"

Quinzenario defensor dos interesses dos Empregados de comercio e industria, literario e noticioso

Cidadão

Sociedade Martins Sarmiento

Guimarães

